

O que está a mudar



**JOHN
C. ED-
MUNDS***

A população mundial diminui, enquanto aumenta o número de países que passam da pobreza a um relativo desafogo financeiro. Eis as novas tendências globais analisadas por um especialista de Harvard.

Duas grandes transformações estão a ter lugar no mundo, e a sua combinação é suficientemente poderosa para justificar uma reclassificação dos países em novos agrupamentos. As duas transformações são: o aumento impressionantemente rápido dos activos financeiros em muitos países que eram um pouco mais pobres do que são hoje; e o assinalável abrandamento do crescimento da população mundial.

O valor dos activos financeiros tem subido abruptamente em muitos países que no passado recente eram considerados pobres. Embora tenha sido ofuscada pelas estrondosas quedas e recuperações nos países ricos, muito mais notórias na opinião pública, aquela subida é particularmente impressionante, sobretudo tendo em conta a tendência de queda dos mercados de valores mobiliários entre os mais ricos.

Os activos financeiros da América Latina cresceram a uma taxa anual de 7,7 por cento entre 2001 e 2005, disparando depois para a estratosfera com uma taxa de 19,1 por cento entre 2005 e 2010. Este salto notável foi impulsionado pelas transformações cruciais no Brasil, que de uma economia dominada pela banca passou a uma economia estimulada pelo mercado de acções.

Essa enorme taxa de crescimento dos activos financeiros verificou-se igualmente no Médio Oriente durante o mesmo período. Entre

2001 e 2005, o crescimento anual foi ali de 8 por cento, subindo depois entre 2005 e 2010 para 20 por cento. Este aumento passou despercebido, mas é possível que continue a verificar-se, pois os mercados de capitais nessa região podem ainda conseguir ir mais longe.

O abrandamento do crescimento da população está a pôr em causa as taxinomias convencionais. Os demógrafos correm atrás da curva descendente e são constantemente obrigados a rever as suas estimativas. O crescimento populacional em muitos países emergentes pode mesmo cair para zero muito antes daquilo que as previsões indicavam. Os observadores informados estão tão às aranhas como os demógrafos: os dados populacionais costumavam variar muito lentamente, pelo que é necessário determinar agora se estamos perante uma descida temporária ou permanente.

Difícilmente os dados-base sobre a população nos fornecem um quadro detalhado, mas tornam-se altamente reveladores quando os analisamos agregadamente. Para termos uma visão panorâmica do declínio populacional no que se refere à América Latina e Caraíbas, citemos os números publicados pelo Population Reference Bureau (PRB) das Nações Unidas. Os seus relatórios sobre a população mundial em 2002, 2007 e 2012 mostram quão rapidamente as previsões têm vindo a cair. Por exemplo, em 2002 a estimativa indicava que em 2050 haveria 815 milhões de pessoas na América Latina e Caraíbas, mas em 2012 essa previsão já tinha baixado para 740 milhões.

No que se refere aos países do Médio Oriente, basta-nos escolher dois exemplos: a Turquia e a Jordânia, onde se assinalam alterações semelhantes. Entre 2007 e 2012, por exemplo, a população da Turquia aumentou a uma taxa anual de apenas 0,24 por cento, muito abaixo das previsões feitas poucos anos antes. A população da Jordânia,

para a qual se previa um crescimento de 2,18 por cento entre 2002 e 2007, registou afinal uma taxa de apenas 1,47 por cento nesse período. As estimativas de crescimento são agora de 1,36 para o período 2012-2025, mas é possível que estes números continuem a cair, antecipando-se a todas as previsões correntes.

As estimativas do PRB para o período 2025-2050 também já sofreram correcções descendentes. Para a região da América Latina e Caraíbas, em 2002 previa-se um crescimento populacional anual de 0,62 por cento, mas em 2007 esse número baixara para 0,5 por cento e não ultrapassa hoje os 0,38 por cento. São quedas enormes, já que uma diminuição de 0,01 por cento representará menos 10 milhões de pessoas na região em 2050.

Para o México e Brasil, as estimativas estão também a baixar abruptamente. Para o México, em 2002 previa-se um crescimento populacional de 2,1 por cento, em 2007 de 1,7 por cento e em 2012 de 1,5 por cento. A previsão para 2017 é agora de apenas 1 por cento. Para o Brasil, a estimativa aponta para um crescimento de 0,74 por cento em 2017, depois de em 2012 ter sido de 0,85 por cento.

As implicações económicas desta descida abrupta da taxa de crescimento populacional tenderão a acentuar-se, tanto mais quanto mais rápida for a própria des-

cida. Muitas das ideias feitas em que hoje os analistas se baseiam conduzirão a erros sérios, embora evitáveis. A atitude correcta é considerarmos os aspectos positivos do decréscimo populacional e “cavalgarmos” essa tendência, em vez de fingirmos que não está a acontecer.

Assinalem-se alguns exemplos das vantagens que o declínio populacional trará: os adultos ocuparão menos tempo a tratar das crianças e gastarão mais dinheiro com cada criança; as escolas ajustar-se-ão mais facilmente à procura de educação; o mercado de trabalho não terá de expandir-se tão freneticamente para absorver os recém-chegados; a tendência para emigrar não será tão forte – na verdade, a imigração para muitos países emergentes pode mesmo vir a ultrapassar a emigração desses países, como já está a suceder no Chile e em breve sucederá no Panamá.

O movimento de pessoas entre países será uma tendência concomitante, impulsionada pelas duas principais transformações. O decréscimo populacional e o aumento da riqueza financeira farão das migrações internacionais um fenómeno de relevo e o número de bebés nascidos no estrangeiro aumentará. Os ricos empregarão mais criados, jardineiros e motoristas.

Por outro lado, os países mais pobres, sobretudo aqueles com fracas perspectivas

de crescimento, perderão muitos dos seus profissionais mais qualificados e fornecerão mão-de-obra à agricultura e aos níveis menos especializados do sector dos serviços. Dados do Peru ilustram este novo padrão e sublinham a pujança económica deste país, que tem vindo a prosperar numa obscuridade injusta. Estrangeiros têm vindo a radicar-se no Peru em número crescente. Em 2008, entraram no país mais 76 mil pessoas do que saíram. Em 2011, o afluxo de estrangeiros já tinha duplicado para 147 mil. Os peruanos continuam a emigrar, mas em 2011 o número de pessoas que deixaram o país foi 38 por cento menor do que em 2008. A manter-se esta taxa, em 2015 o Peru registará mais chegadas do que partidas. Um dos contingentes de imigração para o Peru é espanhol. O cônsul de Espanha no país registou, só na primeira metade de 2012, a chegada de mais 700 profissionais espanhóis, incluindo arquitectos, engenheiros, médicos e enfermeiros.

Haverá outras implicações, mas a transformação do Peru num polo magnético para imigrantes com um alto nível de educação mostra bem como estas tendências estão a enraizar-se. ■

*Licenciado em Economia pelo Harvard College, Mestre em Economia pela Northeastern University, Mestre em Métodos Quantitativos pela Boston University e Doutor em Negócios Internacionais pela Harvard Business School, John C. Edmunds foi consultor do

Harvard Institute for International Development, do Stanford Research Institute e da Fundação Rockefeller. É professor do Institute

for Latin American Business Studies no Babson College, de Boston. Teorizador da expansão financeira, dedicou três livros ao tema: “The Wealthy World”, “Wealth by Association” e “Brave New Wealthy World”. O Professor Edmunds escreveu o presente artigo a convite expresso d’O DIABO.

